

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira. . 8\$00  
» » 10 » — Para outras localidades. . 9\$90

Composição e Impressão  
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

## Tavira realizou no domingo

### O seu III CORTEJO DE OFERENDAS

NO PASSADO domingo, conforme havíamos noticiado, realizou-se nesta cidade o 3.º Cortejo de Oferendas a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Nós, que há cerca de dois meses temos procurado fazer o possível ao nosso alcance para o bom êxito desta festa de beneficência, confessamos-nos absolutamente satisfeitos com os resultados obtidos.

O público de Tavira, duma maneira geral, soube responder ao apelo que em diversos números do nosso jornal lançámos.

Este 3.º Cortejo de Oferendas foi, sem dúvida, o mais grandioso, sob todos os aspectos, que se realizou em Tavira. A Comissão Organizadora está, portanto, de parabéns com os belos resultados obtidos.

Alguns carros interessantes se incorporaram no corso, que cerca das 17 horas atravessou as ruas da cidade em direcção ao Hospital.

Em tribuna de honra, estava o sr. Governador Civil e as entidades oficiais do Concelho, perante as quais o Cortejo desfilou.

Usaram da palavra nesse momento de entusiasmo os srs. Capitão Jorge Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal, Dr. Eduardo Mansinho, membro da Comissão Organizadora e devotado amigo do Hospital, Comandante Henriques de Brito, Provedor da Misericórdia, e sr. Dr. Agostinho Joaquim Pires, ilustre Governador Civil do Distrito.

Este Cortejo de Oferendas, que deve ter rendido cerca de 120 contos, foi uma verdadeira apoteose da generosidade.

Bem hajam todos aqueles que, com carinho e espírito de sacrifício, trabalharam por tão sublime quão significativa manifestação de caridade. Há momentos na vida em que nos sentimos emocionados pela grandiosidade dos actos; e, dentre os mais nobres e mais sublimes, ressaltam os de caridade.

Esse cortejo grandioso, sob todos os aspectos, que atravessou Tavira no passado domingo, não foi mais do que uma admirável demonstração da generosidade e bairrismo do seu povo.

São estes nobres exemplos de civismo que se reflectem nos cérebros das criancinhas das escolas, almas em formação, que assim começam a sentir o amor pelo próximo.

À noite, no Parque Municipal, realizou-se um imponente festival, onde se leiloearam muitas prendas que renderam verbas avultadas.

Assistiu à festa o sr. Go-

vernador Civil, que durante o dia foi hóspede do sr. Capitão Jorge Ribeiro.

E assim terminou o grande dia do Hospital de Tavira.

### UM MONUMENTO EM LOULÉ

#### AO ENGENHEIRO DUARTE PACHECO

POR despacho do sr. Ministro das Obras Públicas, foi determinada a adjudicação urgente da obra de construção de um monumento em Loulé ao ilustre algarvio Engenheiro Duarte Pacheco, a cujo plano de reconstrução nacional o País muito ficou a dever.

O monumento ao saudoso Ministro das Obras Públicas



Engenheiro Duarte Pacheco

será inaugurado no dia 16 de Novembro de 1953, data do 10.º aniversário da sua trágica morte.

O projecto é da autoria do mestre Cristino da Silva e constituído por uma coluna monumental de dezassete metros de altura, em cujo fuste serão gravados em baixo-relevo dezoito motivos simbólicos da actividade do falecido estadista em favor do progresso pátrio. Nele figurarão as obras dos portos, estradas, aeródromos, telefones, edifícios públicos, pontes, etc..

A coluna, abruptamente truncada no cimo, simboliza o corte brusco da obra de reconstrução levada a efeito.

O orçamento do monumento é de mil contos, e para ele contribuiram todos os municípios do País, tendo a Câmara de Loulé contribuído com parte igual à soma de todos eles.

O Algarve recebeu com emoção esta deliberação do sr. Ministro das Obras Públicas, erigindo no próximo ano, na terra natal, um monumento que perpetuará pelos tempos fora a memória de um algarvio, que foi o maior obreiro nacional dos últimos tempos.

## Por esse Mundo fora...

A fim de perpetuar para a geração actual e para as vindouras a imagem física do rei e criar uma fundação permanente com o seu nome, destinada às necessidades espirituais, intelectuais e materiais da juventude e da velhice, Churchill apelou para o povo britânico a favor da erecção dum monumento a Jorge VI e da criação da referida fundação.

Noticiando o 19.º Congresso Comunista, a Emissora de Moscovo transmitiu o relatório apresentado por Malenkov, o qual, referindo-se ao Pacto do Atlântico, afirma: Não há no Mundo força capaz de deter o movimento da sociedade comunista. A nossa causa é invencível e é preciso agüentar com firmeza o leme do nosso barco e seguir a direito.

Com a declaração de que o Wafd prosseguirá nas suas actividades em conformidade com o seu programa de libertar o vale do Nilo, o executivo do referido partido egípcio decidiu pedir autorização ao Ministério do Interior, nos termos da nova lei, tendo-se, portanto, submetido à depuração. Nahas cedeu o seu lugar de chefe a Fahmy.

Após várias buscas a organizações comunistas e prisões em várias cidades da França, entre as quais Paris, Bordeus, Marselha, Lille e Ruão, o governo pediu a suspensão das imunidades parlamentares de 11 deputados comunistas, no número dos quais se conta Cachin, director do «Humanité», acusado de tentar desmoralizar as forças armadas.

De harmonia com a nova lei, quinze partidos e quatro organizações semelhantes requereram autorização ao governo egípcio, tendo ficado obrigadas a depositar os seus fundos num banco, a publicar os seus programas e a submeter uma lista dos membros fundadores. Entre esses partidos, que serão os únicos legais, figuram dois femininos.

Propendo a N.A.T.O. um plano da estratégia global e a elaboração dum orçamento comum a todos os países que a integram, o governo francês afirma, no memorando apresentado, que «a Europa deve, tanto quanto possível, bastar-se a si própria, de maneira a não exigir que o auxílio americano seja perpétuo», acrescentando que do facto adviriam grandes vantagens».

Imparcial

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Avenida Café — Praça dos Restauradores.

## Acerca da origem dos corvos de S. Vicente

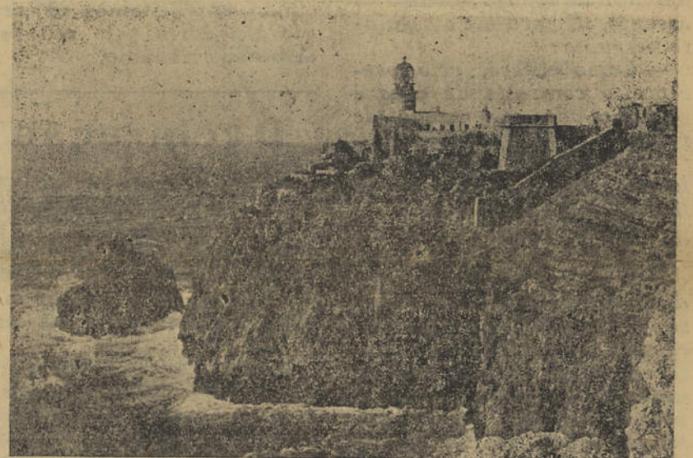
NO Promontório Sacro (Cabo de S. Vicente), houve nos tempos primitivos da Lusitânia um templo consagrado ao Sol; astro, do dia, com ritos, sacerdotes e cerimónias análogas à religião do antigo Egipto, e foi devido a esse templo que veio àquele Cabo o nome de Sacro ou Sagrado — o Promontorium Sacrum dos romanos.

Disse que o culto religioso seguido no antigo Cabo de S. Vicente era análogo à religião do antigo Egipto, pois sabe-se hoje que os povos primitivos da América Central, Egipto, Médio Oriente e Pe-

luzia), construíram um templo ao Sol, e em Cadiz, foi o Sol honrado desde a mais alta antiguidade, com um templo majestoso, sob o nome de Hércules, o Urano dos Atlantes da Atlântida, e, daí, veio, ao mais tarde Estreito de Gibraltar, o nome de Estreito de Hércules (do Sol).

Os adoradores do Sol entoavam hinos em sua honra. Prostrados ao começar do dia, levavam à boca as mãos banhadas de raios solares, pois que adorar não quer dizer mais que levar à boca — *ad arem*.

Todos os povos cultos foram adoradores do Sol e dos



Um aspecto do Cabo de S. Vicente

nínsula Ibérica, como descendentes dos Atlantes da Atlântida, tinham as mesmas crenças e costumes, assim como eram idênticas as instituições sociais. Assim, na religião, adoravam, especialmente, o Sol.

E, assim, o Sol foi chamado, além de Hércules, Heracles (o Glorioso, nome grego de Hércules), Febo (o Brillante), Apolo (o que afasta a noite, o mal), Hiperion ou Ser Superior, Mithra ou a Luz, Armicacos ou Acesio (o Compasivo, o mesmo que Apolo), Hélios, e daqui veio ao culto solar, o chamar-se culto Helioestático.

Nos séculos I a III, divulgou-se no mundo romano o culto pérsico de Mithra até à Península Ibérica. Entre os símbolos que trouxe veio a serpente; ela, representante heróico-fúnebre, talvez, misto oriental do segundo carácter e helénico do primeiro, abria às almas dos mortos os páramos da glória. Esse culto espalhou-se pelo mundo semita. É adorada pelos Egípcios; saindo pelos buracos das luras, traz consigo o segredo misterioso dos mortos — era um *medium*. Se, na Índia, o receio e a adoração da serpente criaram o dualismo do seu poder opressivo e benévolo, como génio doméstico, os Egípcios deram-lhe feição funerária, que não escapou aos gregos, para lhe atribuírem omnisciência e conhecimentos do interior da Terra.

Os povos da Bética (Anda-

astros; e a Lua, esposa e irmã do Sol e associada ao seu culto, passava por mãe de todas as produções sublunares. Igualmente, na Lusitânia, na Serra da Lua, antigo nome da Serra de Sintra, houve um templo consagrado ao Sol e, em especial, à Lua, como no Promontório Lunário, hoje Cabo Carvoeiro, existiu um templo dedicado ao Sol e, sobretudo, à Lua.

Cingindo-me, por agora, ao Promontório Sacro, veremos, de relance, a origem dos corvos, chamados, pela tradição, de S. Vicente, animais sagrados do antigo culto solar.

Sustentavam-se corvos em honra do deus Sol, e semelhantemente as mesmas aves existiram nos templos de Mithra, na Pérsia, na religião mithraísta, ou do Sol.

Os corvos, consagrados ao deus Sol, haviam dele recebido o dom da profecia; quando o sinal favorável; à esquerda, um funesto; se crucitavam fortemente, se guerreavam com furor, era este o sinal das mais terríveis calamidades.

Os sacerdotes do culto do deus Sol tinham como vestuário a sotaina preta com faixa à cinta, e por isso eram chamados *hirococores* (sacerdotes corvos), devido à cor do seu hábito, e eram barbeados e, como tonsura, um disco.

Os corvos eram as aves favoritas dos druidas, e evidentemente eles amansavam-nos

Continua na 2.ª página

# CARTA DA ALDEIA

## NOTAS ETNOGRÁFICAS

**PORQUE**, sou daqueles que seguem com atenção o contraste da época presente, é com interesse que ouço este ou aquele velhote, vivido em ambiente genuinamente rural, como o da minha aldeia, falar-me dos tempos antigos e como eram os seus usos e costumes. Deste modo, querendo descrevê-los pormenorizadamente, tenho hoje, como anteriormente, a colaboração do meu amigo Soares. Já o conhecem, não é assim? Pois creiam que é uma simpatia...

Na verdade, é tão simpático que, num dia destes, após uma longa conversa, eu reparei que o seu rosto apresentava uns sinais sofríveis. Estive para perguntar-lhe se sentia alguma dessas dores reumáticas que o torturam constantemente; e, só depois, compreendi que tinha, junto do meu metro e oitenta, um velhote com menos trinta centímetros e que, por cima, não pode endireitar convenientemente as costas, dada as habituais dores de rins.

Que mágoa não senti ao reparar que o meu amigo velhote se doía por minha causa... e, mais me sensibilizou, porque dos seus lábios não saiu, sequer, um queixume que a revelasse.

Mas... prometo não tornar ao mesmo procedimento; e, depois de lhe oferecer uma cadeira, a nossa conversa torna-se mais animadora.

Falávamos nós a propósito das principais descobertas deste século (o meu amigo Soares é daqueles indivíduos que lhe metem muita confusão como os aviões conseguem voar, como a T. S. F. funciona, etc.), mas desejei de mudar o rumo ao assunto, disparo-lhe a seguinte pergunta:

— Como encara, pelo presente, o contraste de usos e costumes do seu tempo de rapaz?

Sem meditar, o meu interlocutor responde-me na sua linguagem característica:

— Os costumes de há sessenta anos fazem muita diferença dos de agora. Começo por lhe dizer que muitos, e com meios, só conheciam, praticamente, calçado nos pés quando assentavam praça. Os que levavam uma vida de labuta no campo, porque até essa altura não saíam daqui, tinham (neste caso eram os mais abastados), única e simplesmente, um par de botas grosseras e só seriam utilizadas ao domingo.

— Então, meu amigo, quer dizer que nesse tempo se vivia com mais dificuldade financeira?

— Nada disso. Nesse tempo não havia tanta hipocrisia. Poupava-se mais e, era frequente deparar-se, muitos trabalhadores rurais amealhavam para umas casinhas.

Não faço objecções às afirmações do meu amigo Soares, pois que já as tinha confirmado por outros velhotes desse tempo.

Outro caso curioso, conta-me o meu colaborador. É que, antigamente (dum modo geral, a religião católica era seguida com mais fervor), por ocasião do Entrudo, comia-se unanimemente carne, atendendo ao jejum quaresmal. Se houvesse sobras das respectivas refeições, deitar-se-iam fora no dia seguinte, cujos talheres e tachos (ainda hoje há quem costume, às refeições, depor na mesa um tacho ou travessa, da qual todos comem, não se utilizando pratos) seriam areados escrupulosamente, a fim de não ficar qualquer emanação a carne.

Segundo a descrição do meu amigo, um vintenário faria, ao descanso dominical, aproximadamente o seguinte: de manhã, com a indumentária dos dias festivos (fato de cotim e bota grosseira) iria à Missa; outros, porém, que tinham gado para vender, frequentavam os Mercados. Na tarde, efec-

Continua na 3.ª página

por Francisca S. Lourenço

## Publicações

### Guia dos Correios, Telégrafos e Telefones

(Continental, Insular e Colonial)

Recebemos a edição desta útil e prática publicação anual que há 27 anos é distribuída sem interrupção.

Trata-se de um valioso auxiliar para o Comércio, Indústria e para o público em geral, onde se encontra, por localidades, todos que exercem uma actividade comercial, industrial ou profissão liberal, no Continente, Ilhas e Ultramar. Também contém os roteiros de Lisboa e Porto e uma elucidativa parte de instruções e preços para utilização dos serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones.

Agradecemos o exemplar recebido e felicitamos os seus coordenadores pelo seu bem elaborado trabalho.

## Declaração

Venho tornar público que os poucos e modestos móveis existentes no prédio n.º 11, na Rua dos Pelames, da freguesia de Sant'Iago, do concelho de Tavira, pertencem ao meu filho Apolinário Damasceno da Fonseca e Silva.

Esta precaução é para evitar que os referidos móveis sejam conquistados, ou desapareçam, como tem sucedido no prédio n.º 6, na Rua 1.º de Dezembro, desta cidade.

Tavira, 1 de Outubro de 1952  
Francisco Apolinário da Fonseca e Silva

(Segue o reconhecimento)

## Prédios em Tavira

Vendem-se, situados na Travessa Dr. Miguel Bombarda, n.ºs 9 e 11, e na Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 28.

Trata ou informa na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 17.

# Pela Cidade

(Continuação da 4.ª página)

Lo dos programas: 25\$00; criados, foguetes, mão de obra, etc.: 368\$50; Pago a José Maria dos Santos: 20\$00; a Francisco Paula Peres: 249\$20; a Joaquim dos Santos: 9\$00; a José Joaquim Ferreira: 69\$50; a José da Silva: 26\$00; à Casa Brasil: 52\$20; pelo arranjo de um Petromax: 7\$00; pela aquisição de uma bilha: 7\$50; a Diamantino Garcia: 16\$30; Luz fornecida pela Câmara Municipal: Grátis; Luz do Clube Recreativo, em 3 ensaios: Grátis; Tipografia «Povo Algarvio» (bilhetes, programas, etc., etc.): Grátis. Total de despesa: 2.525\$40.

Saldo entregue na «Casa dos Rapazes»: 9.141\$10.

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Aboim.

## D. Maria da Graça Pessanha

### e a Capela da Farroboeira

É este o título do interessante livrinho, separata do nosso jornal, que o nosso velho amigo e prezado colaborador J. Fernandes Mascarenhas, sócio do Instituto de Coimbra, acaba de publicar e teve a gentileza de nos oferecer um exemplar.

Da interessante obra não falamos, porque os nossos leitores já tiveram ocasião de apreciá-la, em publicações efectuadas no nosso jornal.

Resta-nos agradecer a gentil oferta deste pequeno trabalho, que J. Fernandes Mascarenhas dedicou à memória de seus pais, e felicitá-lo muito sinceramente por mais esta obra, fazendo votos para que não esmoreça no seu labor, dando-nos, dentro em breve, outros volumes.

## Casamentos

Os melhores fatos a feitio com forros de seda

**BOM ACABAMENTO**

O mais completo dos Alfaiates

**Rocha — Alfaiate**

Junto à Ponte do Caminho de Ferro Alto do Cano) — TAVIRA

O «Povo Algarvio» vende-se em Tavira na Tabacaria Santos.

# J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas  
**PANIFICAÇÃO MECÂNICA**

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

# Acerca da origem dos corvos de S. Vicente

Continuação da 1.ª página

e conservavam-nos para utilizá-los em práticas de necromância.

Quando alguém consultava um druida, o sacerdote apanhava um corvo e no grasnar da ave pretendia receber a voz de um oráculo.

Note-se aqui idênticas crenças nas religiões heliostáticas da Lusitânia e da antiga Gália.

As superstições respeitantes aos corvos e seus ocultos poderes têm persistido; ainda hoje há muita gente que acredita ser de mau agouro quando um corvo voa sobre a estrada, antes de se iniciar a viagem.

É esta a origem da ainda existente crença dos corvos de S. Vicente, aves que entraram na nossa História, pois que fazem parte da heráldica do brasão de Lisboa.

E o Sol tinha vastos e majestosos templos, cujas paredes e capelas estavam carregadas de ofertas das crentes; possuíam também boas terras agricultadas e rebanhos de gados. É evidente que o Sol, para sua sustentação, não precisava de gados, de frutos da terra, de vestidos e de perfumes, com que o obsequiava a piedade dos crentes: tudo isso servia para a manutenção dos sacerdotes.

E os sacerdotes, além de serem chamados hicrocoraces, como atrás disse, eram também conhecidos pelos nomes de Mithraístas ou Mithriacos, e as suas festividades se chamavam Mithriacas, e eram astronómicas ou magos.

E a imagem do Sol era um disco alado de ouro e colocado no templo, de maneira que o Sol, ao nascer, viesse bater naquele disco e reflectir o seu brilho. Tinha altares por toda a parte e, nos templos, ardia sem cessar, em sua honra, um fogo que nunca se apagava, pois o fogo era filho do Sol e da Lua, esposa e irmã do Sol.

O culto do fogo — o Agni dos hindus ou o focus patrius dos romanos — acabou por constituir a parte essencial do culto doméstico, tornando-se, por assim dizer, o símbolo dos Manes.

E o culto dos antepassados andava intimamente ligado ao culto do fogo. Em todos os lares havia um altar onde ardia o fogo eterno — símbolo da vida que jamais se extinguía e incessantemente se consume. As oferendas aos deuses Manes eram, em geral, lançadas ao fogo que as consumia, transformando-as em princípios subtis, que aqueles saboreavam gulosamente, quando eram alimentos, ou utilizavam, quando eram objectos de uso comum, ou peças de vestuário. Além disso, eram lançadas ao fogo as primícias das colheitas, flores e resinas olorosas, sementes e ervas consagradas, bolos e libações. Como vestígios desse culto, que na antiguidade tem uma extraordinária importân-

cia, encontram-se invocações ao fogo no Big-Veda, nos Hinos Homéricos e Orficos.

E, entre nós, descendentes dos Lusitanos, o que são as Maias e os festejos de Santo António, S. João e S. Pedro, senão reminiscências do culto do fogo!

Atrás, falei nos templos de então. Vejamos, em poucas linhas, como eles eram.

É ignorada a época em que foram construídos os primeiros templos; primitivamente, os deuses eram honrados de um modo grosseiro, altares de pedra ou de relva eram os únicos preparativos para os sacrificios.

Nos primeiros tempos, foi no cume das montanhas que os gregos prestaram homenagens à divindade; dos egípcios, aprenderam eles o uso de levantar monumentos aos seus deuses, construções em que muitas vezes empregaram grande magnificência; os romanos imitaram-nos. Colocavam no interior dos templos as estátuas dos seus deuses. Que muitas vezes eram de ouro, de ébano, de marfim, ou de qualquer outra matéria prima, e bem assim pinturas, ornamentos, armas tomadas aos inimigos, trofeus, escudos, etc.

Os templos dos antigos eram divididos em diferentes secções: em primeiro lugar, havia o vestibulo, onde estava a piscina que continha a água lustral, que servia para purificar os que queriam entrar no templo; a segunda secção, destinada aos assistentes, correspondia à nave das nossas igrejas; o terceiro era o lugar santo, onde o povo não podia entrar; os pagãos tinham grande respeito pelos templos, era-lhes proibido aí escarrar ou assoar-se, e algumas vezes era de joelhos que subiam os degraus do templo.

Os primeiros altares foram de relva, depois de pedra, de madeira ou de mármore; eram de diferentes grandezas, em relação com a importância dos deuses a quem eram dedicados; eram ornamentados com flores e relva, e sempre menos altos que as estátuas dos deuses. Antes de haver templos, os altares eram construídos nos caminhos ou nos bosques; cada altar tinha o nome ou o distintivo do deus a quem era consagrado, bem como a designação do acontecimento que deu lugar à sua construção, ou de qualquer outra circunstância memorável.

Os persas honraram particularmente o fogo, invocaram-no nos sacrificios e conduziam-no sempre à frente do rei; quando em marcha, a guarda do fogo sagrado era confiada aos magos; também prestavam culto à Lua; não tinham templos e era no cimo das montanhas que adoravam os seus deuses; os magos eram os sábios, os sacerdotes dos persas e os depositários de todas as cerimónias do culto.

Damião de Vasconcellos

## Instituto de Beleza "CARDOSO"



Atelier onde V. Ex.<sup>as</sup> podem efectuar as vossas permanentes com óleos vitaminados e cortes modernos

**Quereis desfrizar os cabelos? PROCURAI ESTE INSTITUTO**

Terreiro do Garção, 2-1.º — TAVIRA

## Carta da Aldeia

(Continuação da 2.ª página)

tuavam-se jogos da penada (esta modalidade tinha algumas características do hóquei em campo. Cada grupo era constituído por quatro ou cinco elementos e usavam um stik que movimentaria uma bola, cujo objectivo vitorioso era introduzi-la numa baliza), onde o que não tomasse parte assistiria como espectador. Na noite, havia os indispensáveis bailes, muitos dos quais ao som de uma harmónica de boca. Este, o momento principal de folia para ambos os sexos.

Ora diga-me, leitor vintenário (falo agora aos meus contemporâneos), que pesar não sentiria se tivesse nascido há sessenta anos? É caso para abrir muito os olhos ao reflectir, não é verdade?...

Que bom não seria — estou mesmo a ver discordar — se, em vez dos dolentes e românticos acordos do slow, em que só apetece falar de amor, dançassemos o vals-plad, ainda por cima ao som de uma harmónica de boca...

E, logo que pronunciei, involuntariamente, a palavra amor, lembro-me que é, também, um assunto que faz parte do programa etnográfico.

Assim — pergunto a mim mesmo — existirá hoje mais romantismo do que noutro tempo? Creio que sim... Pois que antigamente não existiam músicas como o slow... Mas será necessário perguntar ao meu amigo Soares se o romantismo desse tempo era mais puro do que o do presente... e, ei-lo na sua resposta:

— Sem comparação possível. Hoje, a reputação e a seriedade da mulher estão muito àquém de há sessenta anos. Pois olhe — diz ele — aquilo é que eram tempos!...

Luz de Tavira, Out. 1952  
Francisco S. Lourenço

## Instituto António Cabreira

Sócios de Mérito, Prof. Doutor Coronel Alfredo Augusto Machado e Costa e Prof. Doutor Aníbal de Magalhães

Faleceram estes dois grandes e ilustres Amigos de António Cabreira. O primeiro doutorou-se nas antigas Faculdades de Matemática e de Filosofia da Universidade de Coimbra e foi professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, do Colégio Militar e dos Institutos Industrial e Comercial de Lisboa e Coronel efectivo da Arma de Artilharia, Vogal da Academia de Ciências de Portugal, de outras Corporações e Comissões científicas nacionais e estrangeiras. O segundo doutorou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e foi professor e analista do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e Professor do Instituto Industrial de Lisboa. Ambos deixaram obras de valor científico e colaboraram no livro do Patroño, intitulado «Portugal nos Mares e nas Ciências».

## Batalha do Buçaco

António Cabreira fez-se representar na comemoração solene do 142.º aniversário desta memorável Batalha, onde seu Avô, o Marechal de Campo Tomaz Cabreira, então Capitão do Regimento de Infantaria n.º 14, praticou prodígios de heroísmo — pelo meritíssimo General Comandante da 2.ª Região Militar, com sede em Coimbra, que lhe enviou a seguinte carta, na volta do correio: «Em 19-9-52 (Escudo Nacional)».

«Ex.º Sr. Dr. António Cabreira (Conde de Lagos). Caldas da Rainha. Ex.º Senhor Conde.

Em resposta à prezada Carta de V. Ex.ª, de 17 do corren-

## Notícias Pessoais

### Aniversários

Fizeram anos:  
Em 15 — Menina Maria Teresa Andrade Ferreira

Fazem anos:  
Em 19 — D. Maria João Henrique Patarata Martins, D. Adélia Pires Vicente, Srs. Eduardo Gonçalves Dóres e Joaquim Vaz Figueiredo.  
Em 20 — D. Maria Cândida Chagas, Srs. Joaquim Santos Faleiro, Joaquim Dias e Dr. Rocheta Casiano.

Em 21 — D. Ermelinda Peres Figueiredo.

Em 22 — D. Maria Julieta Baptista Cruz, D. Maria Eduarda Cabrinha Santos e D. Carlota Martins Algarvio Cabrita.

Em 23 — D. Maria de Lourdes Baptista Regato e D. Maria João Gaspar Bacalhau.

Em 24 — D. Mariana Rosa Gonçalves Raimundo, D. Maria Amélia Ramos, Srs. Aurélio Aníbal Bernardo e José Augusto da Conceição Martins.

Em 25 — Srs. Júlio Cordeiro Peres, Joaquim Baptista Faleiro e Manuel de Sousa.

### Partidas e chegadas

Regressou de Lisboa, onde foi passar alguns dias com seus primos a menina Maria da Fê Albino, filha do sr. José Albino, informador fiscal neste concelho.

— A fim de prosseguir o seu tratamento, foi à capital o nosso prezado amigo sr. José Viegas Mansinho, proprietário, nesta cidade.

— Com sua filha e mãe, partiu para Lisboa a sr.ª D. Cremilda do Rosário Pinto de Oliveira, esposa do sr. Emanuel Domingos de Oliveira, funcionário da Shell.

— Partiu para a sua casa, de Lisboa o sr. Engenheiro Sebastião Ramirez, ilustre deputado pelo Algarve.

— Encontra-se nesta cidade, acompanhado de sua filha, a sr.ª D. Maria Odília Branquinho da Silva, esposa do sr. Leonardo João da Silva, furriel em Beja.

— Foi à capital o sr. Comandante Henriques de Brito, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e Capitão do Porto desta cidade.

### Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Benilde Barqueira, esposa do nosso assinante sr. Manuel Barqueira, comerciante, nesta cidade.

### Casamento

No dia 12 do corrente, celebrou-se na igreja de Santa Maria do Castelo o enlace matrimonial do sr. Renato Júlio Peres, comerciante, com a sr.ª D. Maria Fernanda Pires Vicente.

Paraninfaram o acto as senhoras D. Emelina do Nascimento Peres e D. Maria Gabriela Pires Vicente, e os srs. Isidoro Manuel Pires, nosso Director, e Alfredo Augusto Baptista Peres, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Tavira.

Foi celebrante o reverendo Sebastião Viegas.

Finda a cerimónia, foi servido um lauto copo de água a todos os convidados, em casa dos pais da noiva.

Aos cônjuges, desejamos muitas felicidades.

## A Tipografia "Povo Algarvio"

Tem à venda Fichas de Matrícula para Pombos, Recibos para Rendas de Casa, diversas declarações para a Secção de Finanças, etc.

te cumpre-me comunicar-lhe que tenho muita honra em representar V. Ex.ª nas cerimónias comemorativas do 142.º aniversário da Batalha do Buçaco, dada para mais a circunstância do Avô de V. Ex.ª ter tomado parte na referida Batalha, como Capitão do heroico R. I. 14, uma das actuais unidades da Região Militar do meu comando.

Afirmando a V. Ex.ª a minha mais alta consideração e respeitosa simpatia, creia-me de V. Ex.ª admirador, atento e obrigado.

a) Manuel de Almeida Topinho

## Câmara Municipal de Tavira

# ANÚNCIO

2.º concurso público para a arrematação da empreitada de «Pavimentação a calçada em falso cubo da E. M. de Tavira a Santa Luzia, na extensão de 2.210 m. l.»

Base de Licitação . . . . 199.589\$00

Às 16 horas do dia 5 de Novembro de 1952, realiza-se o acto de abertura de propostas referentes à empreitada acima designada, na sala das reuniões da Câmara Municipal e perante a mesma Câmara.

O depósito provisório é de 4.990\$00 a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou agências, à ordem do Presidente da Câmara, e o definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal.

Tavira, 7 de Outubro de 1952

O Presidente da Câmara Municipal,

Jorge Ribeiro  
Cap.

## VENDE-SE

Um prédio situado na rua Dr. António Cabreira, n.º 14 a 20, que consta de rés-do-chão com 4 divisões, 2 armazéns e quintal e 1.º andar com 7 divisões.  
Recebe propostas Emiliano Palmeira — Tavira.

## Arrenda-se

Um horta, no sítio das Hortas, de Vila Real de Santo António, pertencente ao Dr. Luís Medeiros Antunes, que consta de 2 noras, vacaria, nitreira e outras acomodações.  
Recebem-se propostas na Quinta da Manta-Rota — Cacela.

## TRESPASSE

Por motivo de retirada trespassa-se um bom estabelecimento de mercearia, bem afreguesado, situado na Rua José Pires Padinha, com os números 64 a 68 de polícia, em Tavira, em frente do Mercado Municipal.

Quem pretender dirija-se ao referido estabelecimento.

## Arrendam-se

Mercearia e propriedades, em Santo Estêvão, pertencentes a João António Bernardo.

Tratar em Santo Estêvão com Antónia Vargues Pisco.

## Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS FÁBRICA DE CARIMBOS  
EM TODOS OS GÉNEROS DE BARRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO  
LIVROS — REVISTAS — JORNAIS

## Outono... Inverno!...

Para estas estações, podem V. Ex.ªs começar a defender-se, comprando os melhores e mais modernos artigos das melhores, mais conhecidas e acreditadas marcas de calçado PARA CAVALHEIRO:

ATLAS, NILO, HERCULES  
PARA SENHORA:

EVA, GARBO, CINEFILO, LUSO  
Formidável colecção de GABARDINES, de lã e impermeáveis para Cavalheiro, Senhora e Criança  
Canadianas, Samarras, Casacos e Blusas de Cabedal, Safões de lã (alentejanos), etc.

Lindos casacos de peles para Senhora

Encantadores cortes para casacos de Senhora (Últimas Novidades)  
GRANDE SORTIDO DE PANTOS PRONTOS A VESTIR:

em preto e de padrões diferentes, para Homem e Rapaz, a preços tentadores!

Guerreiros: É o chapéu da actualidade e que a prática recomenda o seu uso, não só pela sua qualidade como pela sua duração.

CASA UNIL TAVIRA  
Rua Estácio da Veiga, 19

Teleg.: Casa UNIL Telefone n.º 114

# RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

Ourivesaria Mansinho  
TAVIRA

Já V. Ex.ªs provaram o vinho da marca

## NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, porque certamente passará a ser o vosso Vinho preferido.

Delicioso em aroma e paladar

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado

"NAMORADO"

é a marca registada da firma J.A. Pacheco, de Olhão

Av. da Liberdade, 202

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS

(Continuação)

Vamos hoje apresentar mais um tipo de átomo da Sociedade, daqueles que constituem nocividade e perigo constante.

### O CÍNICO

Todos nós ouvimos a cada passo dizer: Fulano é um cínico! Este epíteto é dado, correntemente, a todo e qualquer indivíduo que não é dotado de firmeza e de austeridade e pauta as suas atitudes pelas suas conveniências.

Mas o cinismo deu lugar a uma antiga escola de filósofos gregos, cuja característica essencial constituía em afectar as conveniências sociais.

A escola dos cínicos foi fundada por Anthistenes, discípulo de Sócrates. O seu desprezo por todas as conveniências sociais, a sua vida errante e o seu hábito de atormentar os transeuntes com censuras e troças fizeram com que os comparassem aos cães. O cão era, de resto, o emblema da seita. Os cínicos mais notáveis desta escola, na antiguidade, foram Anthistenes, Diógenes, Xeníadas, Onésicrito, Cratés, Hipparchias e Ménipe.

Há quem afirme que esta escola foi a precursora duma outra que se lhe opõe: a do estoicismo, baseada na doutrina filosófica de Zénon.

O estoicismo representa a firmeza, austeridade e a constância no infortúnio, e esforça-se por tornar os homens independentes das circunstâncias exteriores e preconiza mesmo uma insensibilidade que se assemelha muitas vezes à dureza.

A ideia base desta doutrina está ligada a uma outra ideia: a de esforço, de tensão, para obrigar à auto-disciplina que leva a ostentar as qualidades de honra, isenção, brio, dignidade, apuro moral, etc.; enfim, todas as que definem um carácter bem formado. Cultivar estas qualidades leva muitas vezes o indivíduo a decidir, em circunstâncias que se lhe deparam, contra os seus interesses, o que faz com firmeza e sem relutância.

No cinismo, a conveniência individual ou social dita a atitude e, portanto, a ideia de esforço, de tensão, apaga-se, dilui-se, para dar lugar ao alevantamento ou relaxamento das qualidades que devem impor o indivíduo, como animal racional e diferente das outras espécies. O emblema da seita — o cão — encontra plena justificação. Por isso, muitas vezes, na linguagem do povo se ouve dizer: Fulano tem vergonha de cão!...

Machiavel, estadista e historiador florentino dos séculos XV e XVI, foi encarregado de numerosas e importantes missões diplomáticas, nas quais se houve com uma duplicidade e uma crueldade fria e calculada, que a sua maneira de agir tornou célebre e fez escola, chegando até aos nossos dias, alterada, adulterada e utilizada como sistema destituído de lealdade, e de boa fé, astucioso e pérfido. Machiavel defendia este conceito: o homem deve cultivar as virtudes da honra, do brio, da dignidade e, por elas, pautar as suas atitudes; mas, se as circunstâncias não forem favoráveis à exibição destas qualidades, deve utilizar as contrárias.

Este machiavelismo chegou até aos nossos tempos, explorado, dilatado em larga escala por indivíduos de todas as condições sociais. Uns, dotados do recurso da inteligência, actuando com conhecimento

do conceito e preocupados em fazer tudo por o melhorar, a apresentarem-se aos olhos dos seus amigos e sequazes como pessoas de prodigiosas qualidades de superior inteligência. Outros praticam-no também conscientemente, mas por comodismo e insuficiência de faculdades, e agindo com o pensamento posto em certos tipos que se habituaram a copiar como modelos. E muitas vezes um trabalho de simples imitação de um admirador de qualquer «astro brilhante da inteligência e do pensamento». Neste tipo, há já um certo predomínio de inferioridade intelectual, ambição desmedida e superficialidade notória.

Há ainda um terceiro tipo, género grotesco e boçal, constituído por ineptos e estultos, embora nesta classe estejam incluídos indivíduos que, por imperfeição da engrenagem social, atingiram posições que só a pessoas com méritos é dado conseguir. Sem pulimento de espírito e, muitas vezes, com um mau e pouco espesso contraplacado de qualidades de apreço, perversos e desleais por dotes que lhe vêm do berço, cultivam o cinismo para recrear o espírito, fazendo e espalhando o mal, muitas vezes, não para colher benefícios pessoais, mas apenas como motivo de íntima satisfação e blasonar importância que, aliás, por caminhos direitos e abeirados por gente de bem, nunca poderá ser notada.

São, portanto, três tipos distintos: o intelectual, o medíocre-ambicioso e o grotesco.

É muito difícil a profilaxia social nestes casos; digo, mesmo, que, no estado actual da candura social dos homens de bem, não há ainda remédio eficaz. Corresponde este conjunto de átomos, ao cancro social. Tal como com o cancro nos domínios da medicina, ainda não se encontrou a cura para aliviar a humanidade deste terrível pesadelo.

A dificuldade grande na utilização da profilaxia adequada reside na nossa maneira normal de pensar e de agir: — tomamos como boas todas as pessoas até que se demonstre o contrário; se pudermos tomar todas como más até que se demonstre que são boas, estamos certos de que encontraremos o bom caminho que nos levará à separação e individualização destes átomos da Sociedade. Ou então, se fosse possível, obrigá-los a andar com o emblema da seita — o cão — muitos poderiam, assim, ser desde já individualizados e neutralizados, portanto, os seus efeitos... Isto sem desconsideração para este animal doméstico, que, na aceitação geral, é tomado como um símbolo da fidelidade, mas também sabemos que alguns há que não conhecem o dono...

v. c.

### Agradecimento

Adelaide Sande Lemos vem, por este meio, patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que directa ou indirectamente testemunharam o seu interesse pelo estado de saúde de sua afilhada, durante o tempo do tratamento a que esteve submetida em Lisboa.

127 é o telefone da

Tipografia «Povo Algarvio»

Trabalhos Tipográficos  
Fábrica de Carimbos

### GAZETILHA

#### “Bota-a aí outra vez”

*E cumpriu-se a profecia  
Que fizemos, outro dia,  
Da velha escola primária:  
Voltou tudo à forma antiga,  
Pois o resto era cantiga,  
Era um fado da Cesária.*

*Sem retretes, todavia,  
A Escola da Galeria  
Já reabriu, este mês.  
Faz-me a moda recordar:  
«Bota-a no mesmo lugar»,  
Bota a retrete, outra vez.*

*Lá está, em construção,  
Outra sentina. Se, então,  
A coisa é simples e clara,  
Ai quem me dera afirmar:  
Também no mesmo lugar  
Vão botar a Escola Jara.*

*Ah! se eu pudesse, leitor,  
Transformar, pôr e dispor,  
Fazia obra notável  
Para distrair a gente:  
Mandaria, novamente,  
Botar cá o Desmontável.*

ZÉ DA RUA

## Pela Cidade

**Teatro António Pinheiro**—  
Espectáculos da Semana:

Hoje, apresenta David Niven numa grandiosa produção histórica — «As Aventuras do Príncipe Charlie», em technicolor, com Margaret Leighton e Judy Campbell. Todo o luxo e esplendor das cortes de George II e Luís XV. As maravilhosas paisagens da Escócia, cenário de terríveis combates. Romance... Aventura... Espectáculo... Mistério...

Aventura na terra e no mar. Uma heróica página de história. Todo o esplendor do technicolor.

Quinta-feira, 4 artistas excepcionais: Silvana Mangano, Amedeo Nazzari, Jacques Sernas e Vittorio Gassman, num filme de majestosa verdade — «O Lobo da Calábria». Mais um êxito internacional.

Em complemento, «Não se deve mentir», a maior criação de Zarah Leander. Um filme que todos vão apreciar, devido à sua categoria excepcional, ao raro talento dos seus intérpretes e à competência do consagrado realizador Rolf Hansen. Um filme com Zarah Leander, Hans Stuwe e Rossano Brazzi.

Sábado, «Chá para Dois». A famosa opereta «No, No, Nanette», num filme de luxuosa encenação, com Doris Day, Gordon Mac Rae, Gene Nelson, Patrice Wymore, Eve Arden e S. Z. Sakall. Um filme em technicolor. Um grandioso filme musical.

**Parque Municipal**—Balancete respeitante à Receita e Despesa da Festa de Beneficência a favor da «Casa dos Rapazes do Distrito», levada a efeito no Parque Municipal, desta cidade, no dia 27 de Setembro último:

Receita — 1.080 entradas de homem a 5\$00: 5.400\$00; 730 entradas de senhora a 3\$00: 2.190\$00; 464 cadeiras a 2\$00: 928\$00; 69 cadeiras suplementares a 5\$00: 345\$00; 109 mesas a 20\$00: 2.180\$00; Produto líquido pela exploração do bufete: 623\$00. Total de receita: 11.666\$50.

Despesa — Orquestra: 550\$; Aparelhagem sonora: 430\$00; Teatro António Pinheiro (cadeiras e luz): 383\$00; Imposposto sobre espectáculos públicos: 219\$00; Direitos de autor: 61\$00; 7.ª parte do imposto sobre espectáculos: 31\$30; Se-

Continua na 2.ª página

## O PROBLEMA

### dos Petróleos

**É UNIVERSAL** a preocupação dos Governos de assegurar o conveniente abastecimento de combustíveis líquidos, sem os quais grande parte da vida moderna em ritmo acelerado seria impossível.

Debata-se em todo o Mundo, precisamente agora, uma luta inédita para a posse dos jazigos de petróleo, que literariamente alguém já chamou «ouro negro» e que, realmente, é, em face das necessidades prementes do homem, bem mais do que o especioso pó amarelo, convencionalmente tido como padrão das riquezas.

### A COMPANHIA

#### Rafael de Oliveira

no Teatro António Pinheiro

A Companhia Rafael de Oliveira, que tão grandioso êxito obteve nesta cidade o ano passado, com as suas excelentes representações no seu Teatro Desmontável e que tem percorrido a nossa província sob uma atmosfera de aplausos, realizará na próxima terça-feira, dia 21 do corrente, no Teatro António Pinheiro, um grandioso espectáculo.

Apresentará a encantadora peça em 3 actos, original de Rui Correia Leite, «Raça», que alcançou retumbante êxito em centenas de representações no Teatro Nacional, em Lisboa.

Esta peça, que é representada pela primeira vez em Ta-



Lisete Frias

vira, será mais um sucesso a acrescentar aos já obtidos pela excelente Companhia.

O originalidade do assunto escolhido, a opulência da linguagem, a fluência do diálogo, os nobres sentimentos e a elevação dos conceitos que nesta obra se debatem forçaram a crítica a considerá-la uma joia rara da literatura teatral portuguesa.

A encenação é do consagrado artista Eduardo de Matos, e o excelente cenário, da autoria do genial artista Fernando Frias.

O público de Tavira vai, pois, na próxima terça-feira, matar saudades de Teatro e, sobretudo, da Companhia Rafael de Oliveira; e a Companhia vem fazer uma visita àquele público de admiradores que sempre a distinguui.

A distribuição será a seguinte: Dr. Jerónimo de Castro, Eduardo de Matos; Dr. Manuel Bernardo, Fernando de Oliveira; Zecas, Fernando Frias; Dr. Magalhães, António Vilela; Vilela, Carlos Frias; D. Isabel de Fontelos, Geny Frias; Viscondessa de Vilarim, Ema de Oliveira; Guidinha Vilarim, Lisete Frias; Vitória, Lucinda Trindade; Rosa, Idalina de Almeida.

Actualidade Na Quinta dos Penedos, na Beira Baixa.

por Armando Boaventura

Bem o entendeu o nosso Governo ao elaborar o Plano de Fomento, dedicando-lhe uma especial atenção no capítulo V onde se sintetiza de maneira objectiva e clara o que representa para a vida da Nação um conveniente aproveitamento da exploração desta fonte da vida moderna.

Assim, considerando que o consumo dos derivados do petróleo bruto, em 1951 atingirá, entre nós, 662.000 toneladas, decidiu que a remodelação e ampliação da nossa indústria de refinação de petróleos ficassem apta a tratar anualmente 1.000.000 de toneladas.

A empresa concessionária da indústria de refinação era obrigada a abastecer 50% do consumo metropolitano. Em face, porém, do crescente desenvolvimento do consumo verifica-se que o seu equipamento fabril estava longe de servir às necessidades do País, pelo que o Governo se viu na necessidade de a estimular, conforme a lei determina, ficando a refinaria equipada para a produção da quase totalidade dos combustíveis líquidos — gasolina, petróleo, gásleo, fuel-oil — e gasosos derivados de petróleo bruto, além de asfaltos soprados, dissolventes e certas variedades de óleos lubrificantes.

A isto podemos juntar ainda que a nossa refinaria permitirá a recuperação e aproveitamento de apreciável quantidade de gases, servindo para a queima ou então para a produção de diversos produtos, tais como o hidrogénio químico, matéria-prima fundamental do fabrico dos adubos azotados.

Fica, assim, Portugal em condições de (em face da estrutura do mercado mundial e do desenvolvimento das fontes de abastecimento do Médio Oriente e, provavelmente, da exploração de petróleo bruto na nossa Província de Moçambique), poder desempenhar um papel primacial na distribuição deste produto, não só internamente, mas até, por razões da sua privilegiada situação geográfica, a outros países.

Vemos deste modo que Portugal se integra novamente na sua posição de entreposto do Oriente, como outrora, quando as caravelas traziam para a Europa as especiarias da Índia. Felizmente, agora, é mais segura e firmemente planeada a nossa actuação, assente em regras de sabedoria universal e da experiência de séculos.

Assim, diz o Plano de Fomento: «todas estas circunstâncias conduzirão à melhoria de posição cambial do País, pelas divisas que se economizam ou ganham, além de permitir uma maior colocação de mão de obra nacional».

Assim será.

Armando Boaventura

Anunciar no «Povo Algarvio»